CASA - MUSEU
Afonso Lopes Vieira
onde a terra se acaba e o mar começa

A CASA COMO PATRIMÓNIO CULTURAL

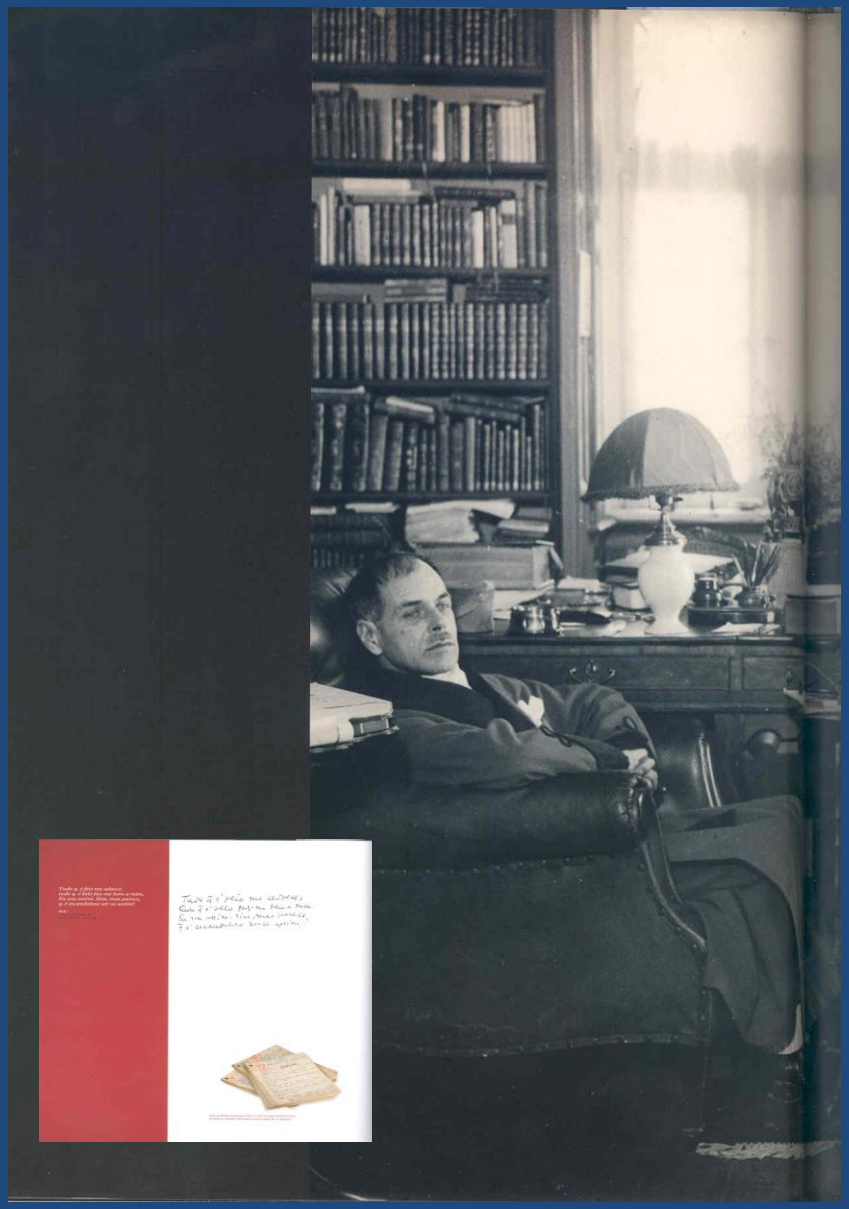
CMALV [casa-museu Afonso Lopes Vieira] - metamorfose do *ninho de artistas:*

***a criação de um* lugar literário**

(Visita guiada do Rotary Club de Leiria em 21 abril 2012)

por

CRISTINA NOBRE



Tudo q. é feio me adoece,
tudo q. é belo faz-me bem a mim.
Eu sou assim. Sim, mas parece,
q. é escandaloso ser-se assim!

Afonso Lopes Vieira, *Notas Diversas* (*apud* Nobre 2005, II: 370)

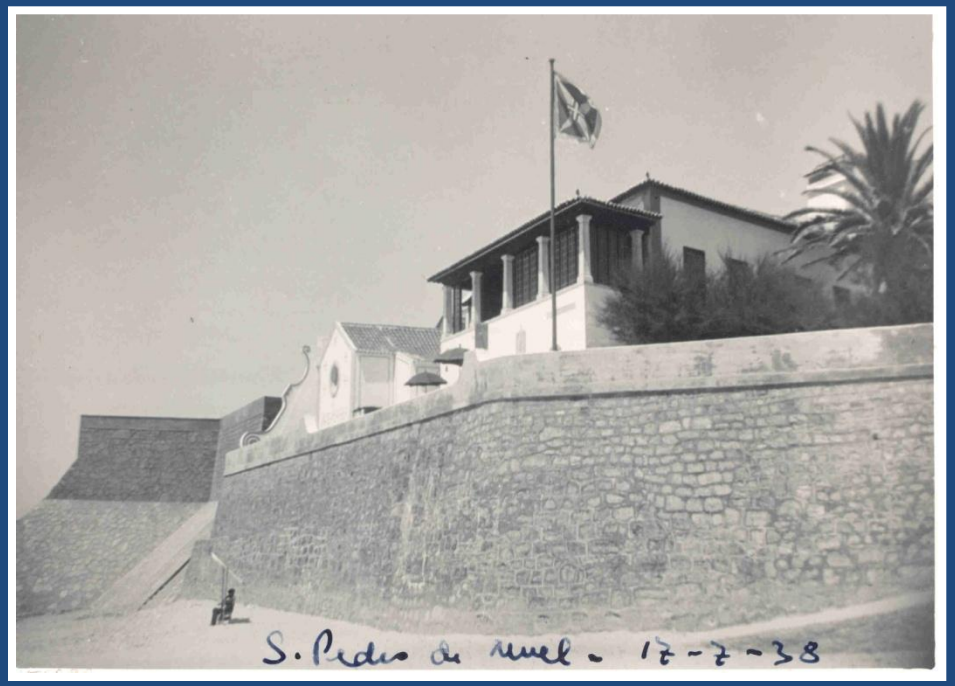
Leia-se o excerto e atente-se na belíssima imagem da casa metamorfoseada em caderno — com *brancura de papel* — onde apetecerá ir escrevendo:

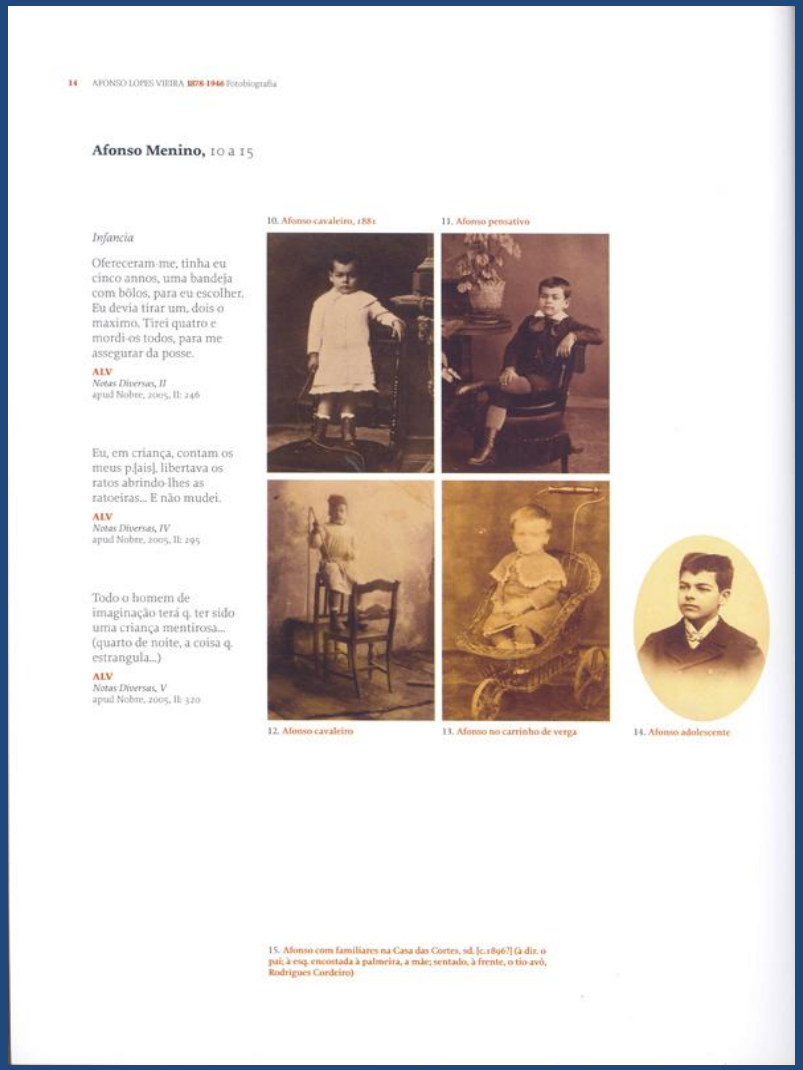
[…] S. Pedro ao sol luzindo em suas casas caiadas,
Casas velhinhas todas com alpenduradas;
A capela no alto, com vidros de cores
E dentro ao fundo, olhando, a Senhora das Dores;
O Zé Lameiro, à tarde, olhando para o mar,
Emalhando uma rede p'ra lá ir pescar;
Raparigas queimadas do ar do mar, passando
Na estrada que lembrava uma cobra ondulando;
A nossa casa com craveiros nas janelas
E que frolidas e velhinhas eram elas!
E tinha ao sol uma brancura de papel,
Que linda casa para uma lua-de-mel! […]

(*Para Quê?* 1897: 15-6)

E, como ainda há pessoas que supõem que a minha casa de S. Pedro de Moel foi construída por mim, recordo que ela está há um século na posse da minha família, posse que se alienou apenas durante alguns anos.

(NDG 1942: 242)





14 AFONSO LOPES VIEIRA 1876-1946 Fotobiografia

Afonso Menino, 10 a 15

Infancia

Ofereceram-me, tinha eu cinco annos, uma bandeja com bôlos, para eu escolher. Eu devia tirar um, dois o maximo. Tirei quatro e mordi-os todos, para me assegurar da posse.

ALV
Notas Diversas, II
apud Nobre, 2005, II: 246

Eu, em criança, contam os meus p.[ais], libertava os ratos abrindo-lhes as ratoeiras... E não mudei.

ALV
Notas Diversas, IV
apud Nobre, 2005, II: 295

Todo o homem de imaginação terá q. ter sido uma criança mentirosa... (quarto de noite, a coisa q. estrangula...)

ALV
Notas Diversas, V
apud Nobre, 2005, II: 320

10. Afonso cavaleiro, 1881

11. Afonso pensativo

12. Afonso cavaleiro

13. Afonso no carrinho de verga

14. Afonso adolescente

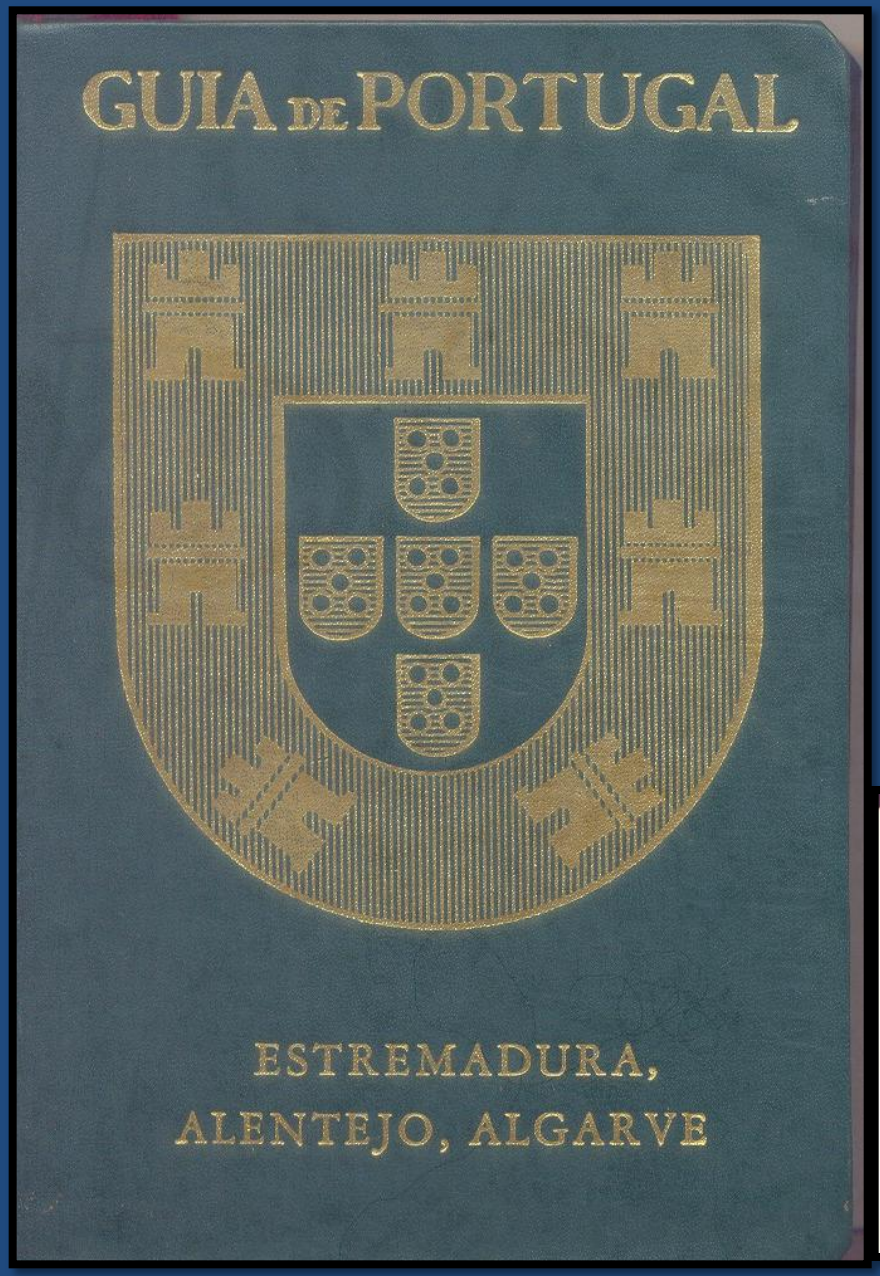
15. Afonso com familiares na Casa das Cortes, sd. [c. 1896?] (à diz. o pai; à esq. encostada à palmeira, a mãe; sentado, à frente, o tio-avô, Rodrigues Cordeiro)

Em 1939, Lopes Vieira tinha tornado pública a sua decisão de legar a sua Casa de S. Pedro de Moel para sanatório dos filhos dos trabalhadores das Matas Nacionais, Bombeiros, Pescadores e Operários Vidreiros da Marinha Grande, e a sua Biblioteca à cidade de Leiria.

4

Logo em 1940 a população da Marinha Grande prestou uma homenagem ao Poeta, sob a forma de uma procissão de crianças, agradecendo o legado.

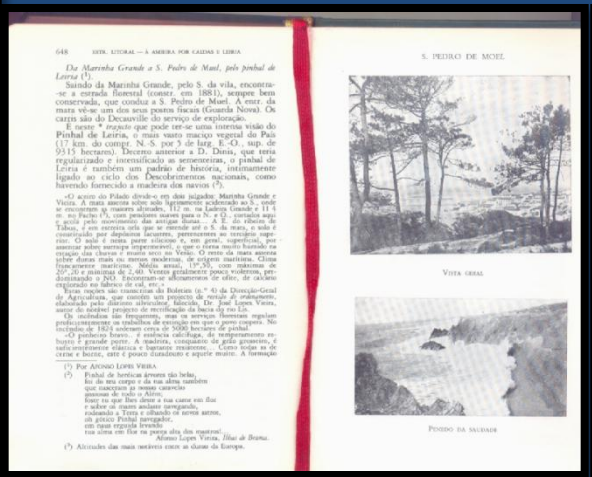
De defensor da *sua terra,* Afonso Lopes Vieira passava, inevitavelmente, à figura de padroeiro cultural da região de Leiria, com um potencial turístico e cultural bastante elevado.

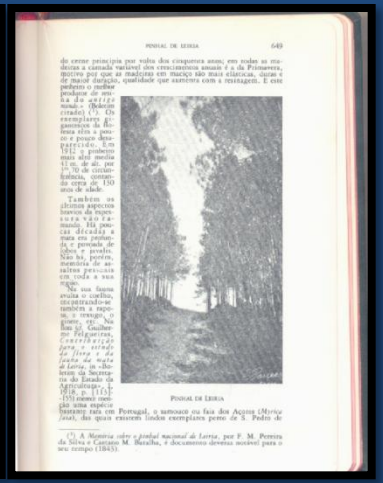


ALV participa no *GUIA DE PORTUGAL*, no 1.º vol., de 1924,
c. artigos sobre "Sintra, impressão geral" e "Penha Verde";

no 2.º vol., de 1927, com "Mosteiro de Alcobaça" e "PINHAL DE LEIRIA E S. PEDRO DE MOEL";

no 3º. Vol., de 1944, com "Impressão Geral de Coimbra"





Manter vivo o património: a casa que está rezando ao mar…

4. A casa-barco de S. Pedro de Moel 69

Casa de S. Pedro

Decerto a gente fica apegado, não apenas por laços morais, mas por liames fisiológicos, aos lugares onde lhe decorreu infância e adolescência. Fui para Moel desde a idade de um ano, ao colo da minha Mãe [...].

ALV
"Passéio nas Minhas Terras", Nova Demanda do Graal, 1942: 246

114. Carimbo com a Casa de S. Pedro, ícone que acompanha grande parte da correspondência pessoal do Poeta
115 a 119. Sala de jantar e janela, duas perspectivas do escritório e do divã na varanda da casa de S. Pedro
120. Azulejo com *ex-libris* petrarquista de ALV: *Or piango, or canto*

A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com rigor e fidelidade, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, Afonso Lopes Vieira (1878-1946), habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura.

O percurso biográfico e a produção literária, bem como a ação cultural de ALV, encontraram na Casa de S. Pedro o elemento material ideal para incorporar a visão estética e ética do escritor. A Casa será a projeção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, compósito e complexo, feito de ESTRATOS diferentes e de CAMADAS sobrepostas.

65 A 84. Mar e pôr-do-sol, em S. Pedro de Moel, clichés de ALV, sd [c.1905-1907]

Enquanto habitou a Casa, o escritor fez dela um verdadeiro estaleiro de experiências estéticas, decidido a transformá-la naquilo que descrevera ao seu amigo, Artur Lobo de Campos, como um *NINHO DE ARTISTAS* (Nobre, 2001: 21).

CRISTINA NOBRE e FERNANDO MAGALHÃES investigaram sobre as Artes Decorativas da Casa - a **Cerâmica de revestimento**, com os azulejos e algumas cantarias, em 2008/2009:

painéis informativos disponibilizados ao público visitante, no local; despoletar de um **inventário** de cariz museológico;

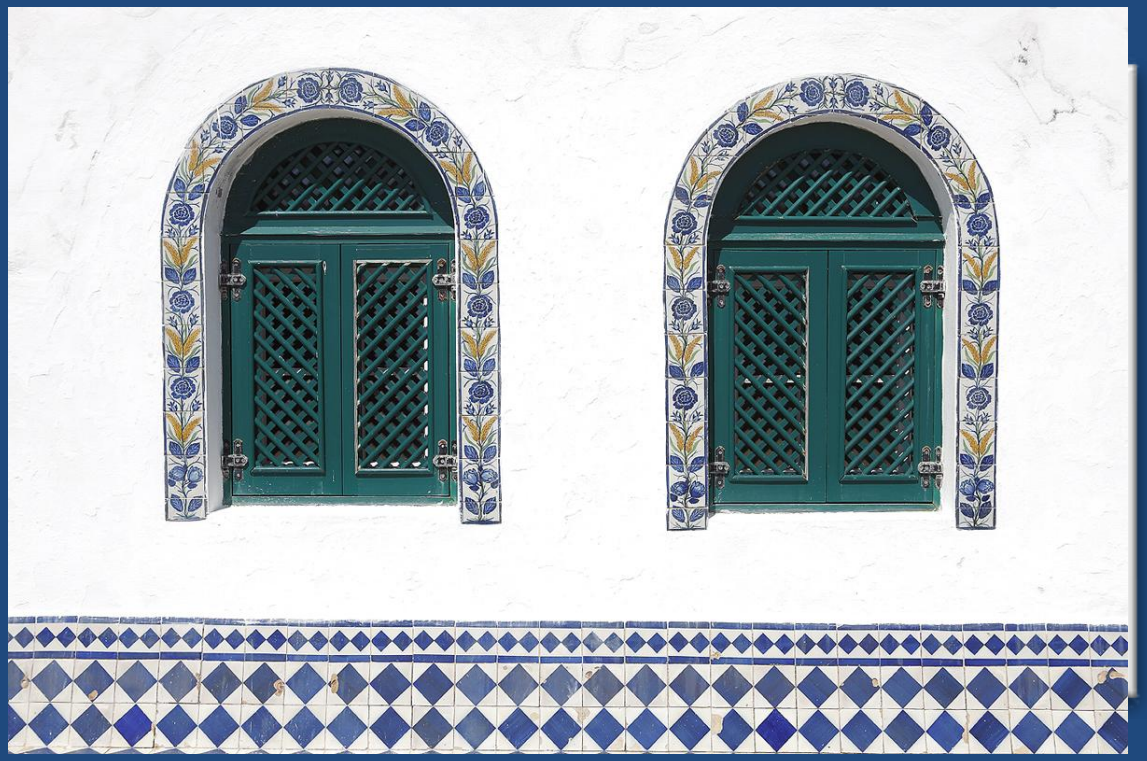
Roteiro-museológico:*CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA* - LUGAR LITERÁRIO. *ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA* (ed. CMMªGrande, co-financ. Mais Centro, QREN, FEDER, **Set. 2010**)

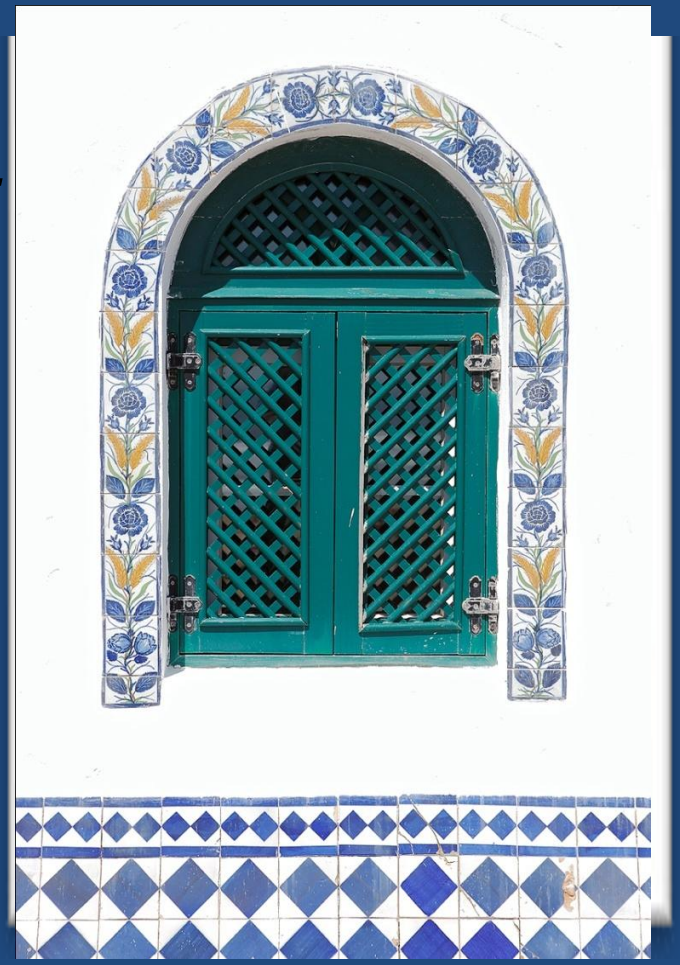
I ESTRATO - 1902 / 1903?

a fotografia das obras da casa, em que a varanda, tal como a herdámos, está a ser rasgada, ao mesmo tempo que se ergue o paredão frente ao mar.

II ESTRATO - 1909

1.ª camada – *a febre de renovação*.





Meu caro Artur:
[…] Quanto às ombreiras, decido o seguinte, q. é o melhor: Em vez do desenho dos *cache-pôts*, far-se-á um desenho de *rosas e espigas de trigo*, como o Zé Dias já fez para uma cercadura para um nicho, q. lhe encomendei.
Se pudessem fazer as rosas superiores como desenho, era óptimo.
As rosas em azul, as espigas em amarelo. Fica isto pois assente, não levando as ombreiras filete nem nada dos *cache-pôts*, mas, como lhe digo, as rosas e as espigas, mas *só* isto, além, é claro, do traço azul à volta da ombreira.

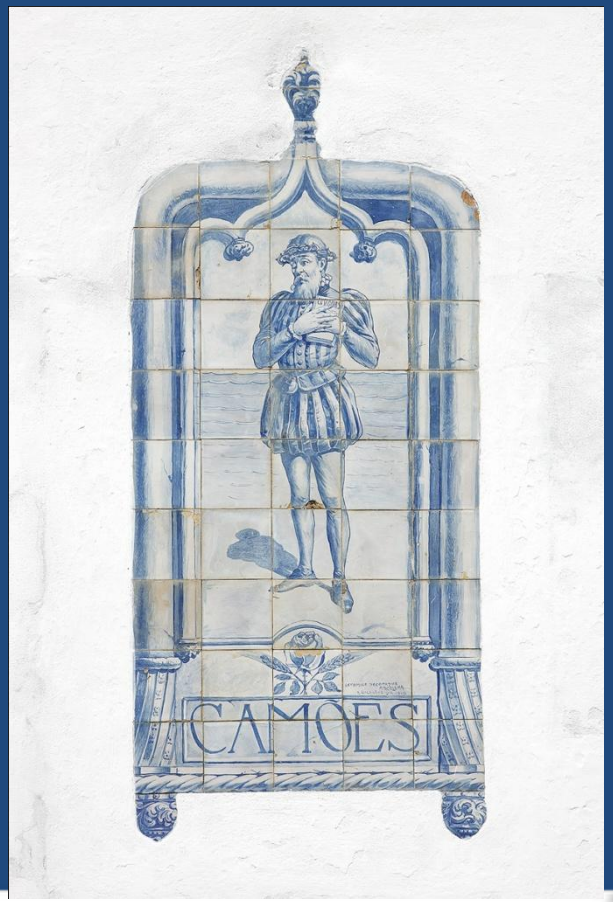
[…]

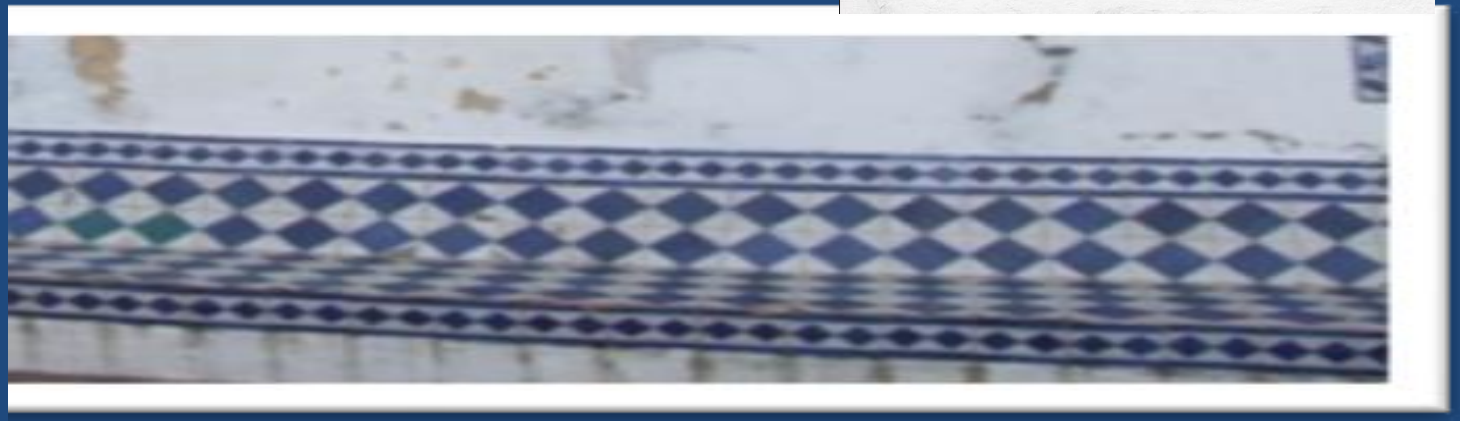
Carta de 23 de Agosto de 1909 / Nobre, 2001: 23.

ALV, na sua estadia em S. Pedro de Moel, socorreu-se dos préstimos do seu amigo ARTUR LOBO DE CAMPOS (1884-1949), a viver em Lisboa.
Estava interessado em transformar a casa num *ninho de artistas*, concebendo uma cercadura para as janelas do exterior, com pinturas de *cache-pôts* (**14 de Agosto de 1909**).
Depois (**23 de Agosto de 1909**) evolui para um desenho com **rosas e espigas de trigo**, numa clara alusão ao seu livro de poesia de **1908** ***O Pão e as Rosas*** e à fase **franciscanista** da sua obra. Tanto esse livro como ***Rosas Bravas*, de 1911**, em edição de autor, assim como as obras para a infância da mesma data, apresentam no frontispício **uma cercadura de rosas e espigas de trigo** semelhante às destes azulejos.
José Dias foi o artesão da cercadura, como de outras peças encomendadas por ALV para a Casa.
Tiago seria o operário que aplicaria as cercaduras, na alvenaria das janelas.

Não são os louros gregos que coroam
Camões, da casa o santo protector;
São os cruéis espinhos que magoam
quem canta em Portugal com fé e amor!

Excerto do Postal a Augusto Rosa, com carimbo de 5 de Setembro de 1913, BMLALV, A104, nº. 32605 in Nobre, 1999: 300.





III ESTRATO - 1916 – ao *estilo sebastianista*

[…] aqui anda tudo revolvido com as obras de reparação da nau […] A casa teve de presente este ano um painel de azulejos — a Nau Catrineta, com dois versos de romance — e duas sobrepostas tambem de azulejo, que enriquecem a varanda, reforçando-lhe o estilo sebastianista. […]

[…] P. S. Os versos do azulejo da Nau Catrineta são com efeito estes — A minha alma é só de Deus — e o corpo da água do mar. Está numa parede voltada para o mar e fica bem assim. As sobrepostas da varanda tem ao centro a Cruz de Cristo e aos lados as esferas. Ficou engraçado e dá uma bonita nota de cor. […]

Excertos de Carta a Leonor Rosa, 16 de Junho de 1916, BMLALV, A118, nº. 33601 in Nobre, 1999: 300-1.

POEMA DE ABERTURA

Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroado
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,
aí vivi, sonhei eu,
ao som do mar, que tangia:
os sonhos, ele m` os deu,
ditava, e eu escrevia.

Com saudades no peito me estremece
um roussinol… Canto em mim.
Meu coração gorgeia e ei-lo esmorece,
roussinol de Bernardim.

Foi por amor de ti, terra formosa,
por te amar com tão fundo sentimento,
que fui pregador e em prosa
fiz meus sermões de Admiração ao vento.

Oh Portugal, florida alpendurada
sobre o mar, coisa saudosa…
Esta é a Pátria ditosa
minha amada, minha amada!

Mas as saudades, sob a Lua gris,
evolam-se na bruma de violeta,
entre os pinheiros de el-rei Dom Denis
e ondas da "Nau Catrineta".

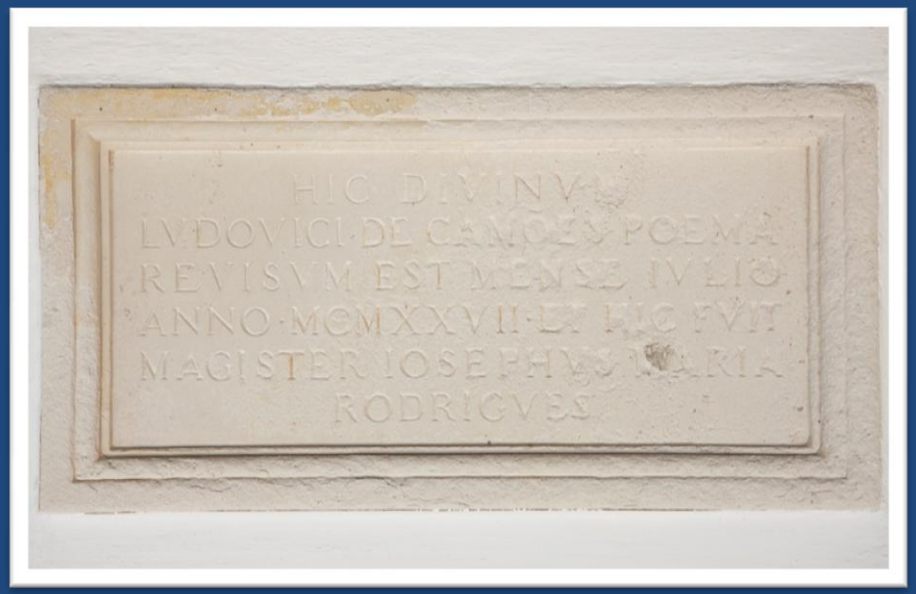
E fico só com elas, neste vário
momento em que a dor se esfuma.
Sou o senhor donatário
das minhas Ilhas de Bruma.

Revivei na minha alma, oh velhos temas,
penumbras da claridade.
E misterioso cante nestes poemas
meu amor português — beijo e saudade… in *Ilhas de Bruma*, 1917: 5-7.

IV ESTRATO - 1925-27 - uma *nau no estaleiro*, sempre sujeita a novos arranjos, fixando da forma mais definitiva – através da inscrição na pedra – a memória sobre a obra produzida

Casa Catrineta,
desprende-te enfim do chão,
entra-me pelo mar
e lá ao largo vai naufragar
para ir ao fundo com o meu coração!
Oh! não poder arrancar-te do chão!
E, gageiro, embarcar
em ti, meter-te ao mar
para ir naufragar,
para ir ao fundo com o meu coração!…

(OTAMC 1940: 86)



V ESTRATO - 1929

com ele ergue-se de raiz um novo edifício adjacente à Casa: a **Capela**

dedicada a **N.ª Sr.ª de Fátima**

Planificou uma festa de inauguração que juntou as obrigações religiosas e as artísticas com os amigos e a população local.

O evento ficou registado para a posteridade num documentário filmado que sobreviveu até nós, como um dos primeiros testemunhos da casa como lugar de peregrinações literárias.

AVE MARIA

VI ESTRATO - 1935

"[…] P.S. A casa tem agora um verso de Camões incrustado frente ao Mar. Verás como tudo está melhorado.

Adoro isto. A."

Postal de 8 de Setembro de 1935

Nobre, 2001: 76

[...]

Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci…

Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria, além, além!…

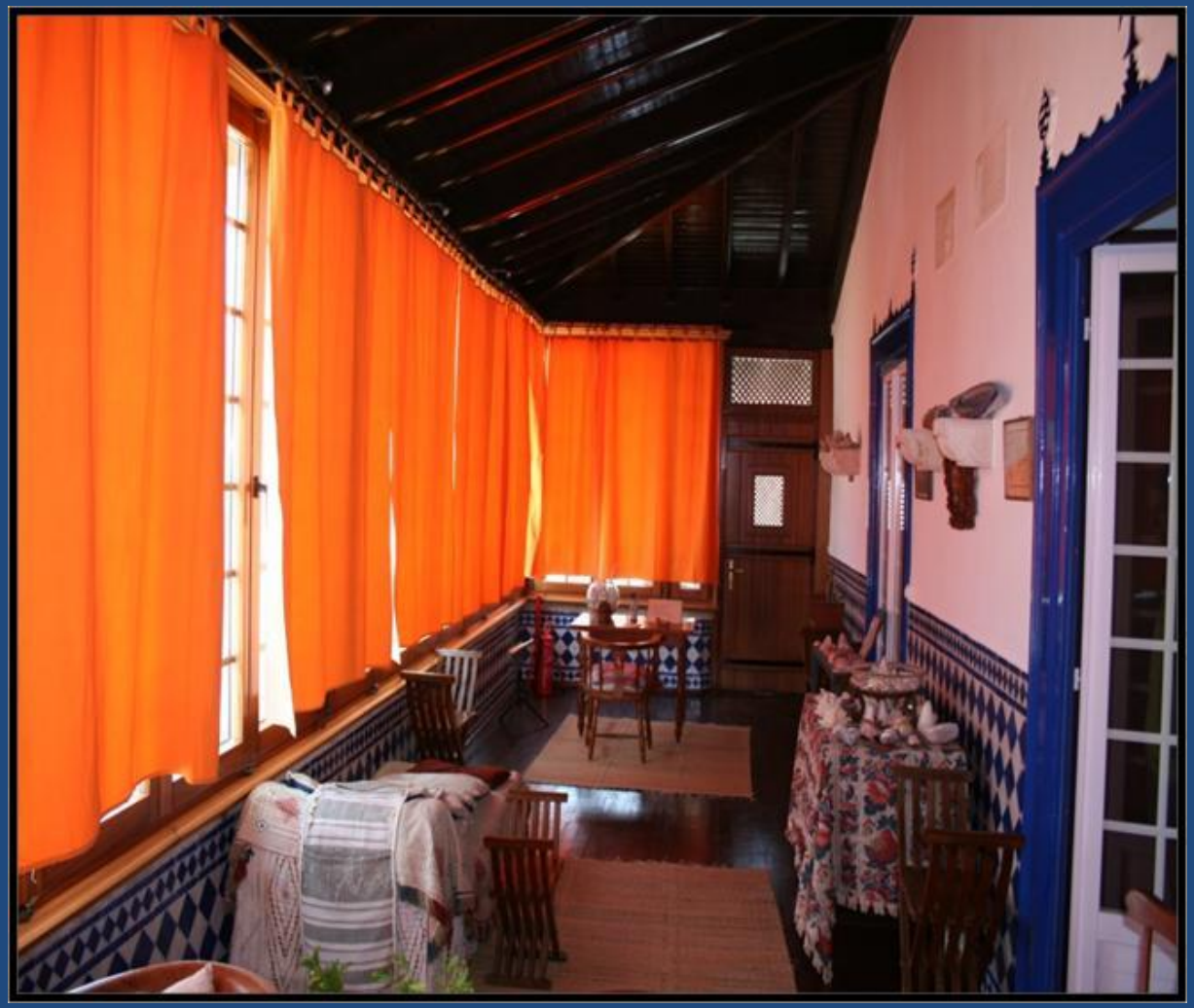
(OTAMC 1940: 11)

CLL:

CRIAÇÃO DE UM LUGAR LITERÁRIO

a Casa-Museu Afonso Lopes Vieira em S. Pedro de Moel

(nov. 2010- nov. 2011)



Visou o estudo aprofundado do recheio da Casa-Museu, desde os **livros** ao **mobiliário**, passando pelas **pinturas**, **esculturas** e **diversos objetos artesanais da casa**, com especial enfoque para a **varanda**, entendida como *lugar privilegiado* da criação literária.

OBS - Por se considerar uma área de estudo com características próprias e para lá das possibilidades concretas do projeto, excluiu-se deliberadamente deste projeto o estudo da CAPELA da Casa.

INVENTÁRIO TEMÁTICO

PINTURA (CMALV 55-58, 174-175)
DESENHO (CMALV 176)

Alfredo Keil, “Marinha”, 1905 (CMALV 55)

Adriano Sousa Lopes, “Cabeça de velho”, 1903 (CMALV 56)

“Ecce Homo”, 1919 (data aquisição?) (CMALV 58)

Pintura Japonesa, s/d (CMALV 175)

Alice Rey Colaço, “Casal de namorados”, s/d (CMALV 57)

“Não se zangue ó menina,
d’ este cravo lh’ oferecer.
Ele é o firme protesto
de ser fiel até morrer.”

O vestuário das figuras pintadas foi estudado ao pormenor por Alice (Lopes Vieira possuía conhecimento pormenorizado das tradições populares, numa época em que a *canção portuguesa* foi das suas preocupações de activista cultural)

A citação integral da quadra faz desta pintura uma **declaração estética de apreço pelas genuínas tradições lusas** (dando um lugar hierárquico elevado ao que era desprezado pela intelectualidade portuguesa mais comum)

O pequeno guache de Alice é uma afirmação estética de uma certa elite cultural portuguesa de então - **valor das tradições genuinamente populares e portuguesas** e necessidade de as **elevar esteticamente**, para que o **orgulho português** pudesse fazer viver o país, a atravessar um grave momento de crise política e cultural.

Alice Rey Colaço, “Serão das Irmãs R. C.”, s/d

(CMALV 174)

Com o guache oferecido a Lopes Vieira, no verão de 1915 (?), Alice pinta e regista memória do evento: **“Num concerto das filhas de Rey Colaço”**, que se realizou no Instituto de Coimbra, em **maio de 1915**; mostra bem como compreendia e gravava o objectivo essencial do poeta, desejoso de continuar *ad eternum* do lado da infância.

FALA O POETA

Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!
E rezo agora a minha prece.
Falar de crianças é rezar.

Oh! pensar que elas hão de crescer
e ser os homens dalgum dia!
Pensar que toda esta alegria
se enflora agora para mais não ser!

[…] (Vieira 1915: 37-38)

José Rebelo Raposo, “A prisão de Afonso Lopes Vieira em Benfica”, 1937 (CMALV 176)

Em **1937**, **Henrique Paiva Couceiro** (1861-1944), por criticar violentamente a política colonial do regime numa carta ao Presidente do Conselho de Ministros, Salazar, a 31 de outubro de **1937**, foi preso pela PIDE durante 6 dias a **13 de novembro**, condenado a 2 anos de exílio e forçado a retirar-se da vida política, enviado, apesar dos seus 76 anos (!), para a colónia espanhola de Santa Cruz de Tenerife, nas Canárias. Em 1939, Salazar permitiu o seu regresso a Portugal, onde acabou por viver os últimos anos.

É emblemático da posição de "**perseguido político**" o episódio vivido pelo escritor e outros nomes conhecidos da época, presos de 16 para 17 de novembro de 1937. No ANTT, nos arquivos da PIDE/DGS, no processo **SPS—3252 / 1937**, pode ler-se que Afonso Lopes Vieira só foi detido em **17 de novembro**, juntamente com C. Beirão e só foi solto em **24 de novembro**. Esta detenção de 8 dias para averiguações é justificada:

"[…] por ordem superior, […] **por pretenderem visitar o preso Henrique Paiva Couceiro**."

TÊXTEIS (CMALV 59-88, 102.1, 103.1, 105.1-5., 106.1-2., 107.1-2., 108.1-2., 109.1-2., 118.1, 122.1 e 218-223)

Colchas de chita de Alcobaça

(CMALV 59-65 e 218-221)

Terá sido o franciscanismo das opções estéticas e nacionalistas de Lopes Vieira que o fez optar pelas chitas de Alcobaça. "Produto" característico e bastante divulgado nesta região, e conhecendo-se o fascínio que tinha por Alcobaça (Nobre 2008 I-II e 2008b) percebe-se a existência de bastantes destas chitas na sua casa, como uma moldura inédita de **portuguesismo**, a cobrir a cal branca das paredes.

A estética não era a do luxo mas a da **genuinidade**: revestir as paredes de uma casa-nau ou expor as conchas e búzios admirados (elementos naturais marítimos) com e sobre o tecido popular alcobacense era afirmar **o orgulho nas criações do povo e nas matérias-primas portuguesas**.

É uma pena que continue desconhecido o local efetivo onde o escritor, ou alguém por ele, terá adquirido estas chitas.

MOBILIÁRIO (CMALV 89-121)

Chaise longue ou *divã tumular* (CMALV 115)

A referência a este divã *tumular* foi constante na correspondência com vários dos seus amigos - devoção que lhe prestava como local de criação predilecto, e elemento profiláctico nas suas diversas crises depressivo / melancólicas.

Os testemunhos orais de **mestre Correia** e **Helena Barradas** são recorrentes na importância desta peça na criação literária do escritor.

Criou um postal a partir de uma fotografia sua, deitado nele, acompanhado do seu cachimbo (cf. Nobre 2007: 70), e em julho de **1912**, escrevia ao seu amigo e actor **Augusto Rosa**:

> **Vera efigie d'um poeta tragicó-marítimo caído em perpétua rêverie, e por ele enviada ao querido amigo Augusto Rosa.**
>
> **Num divã, que é o seu Limbo, ele fuma, e escuta o Mar... Não lhe tirem o cachimbo, e deixem-no dormir, talvez sonhar!**
>
> **Affonso / Julho 1912.**

Postal a Augusto Rosa, BMLALV, A104, nº. 32604.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Órgão de Búzios
(CMALV 122)

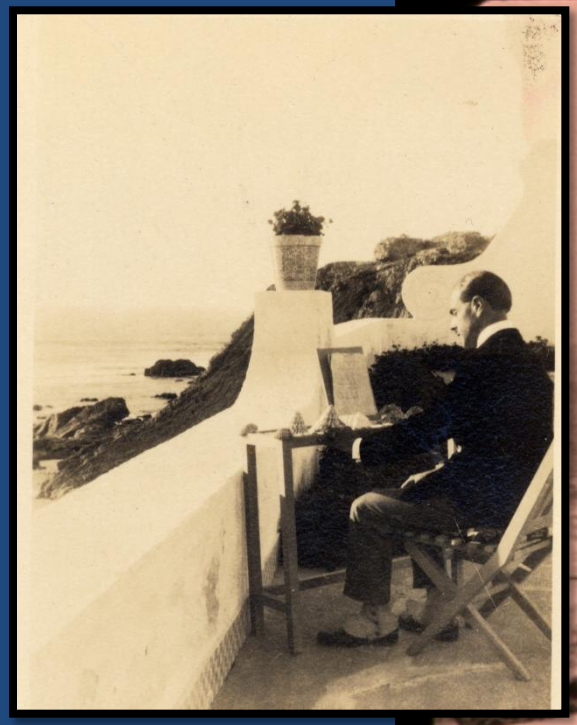
Estamos longe dos tempos em que **Francisco de Lacerda** vinha à casa afinar o *órgão de búzios*, ou que o músico **Viana da Mota** deixava uma pauta com música criada para este instrumento musical, como presente para o anfitrião, quando não era ele próprio a compor uma música para ele.

Em **1925**, sabe-se como a coleção de búzios era motivo de orgulho para o poeta, que usa a palavra ***altar***:

> […] Acabo de erigir aqui na varanda **o altar do Mar**, com Camões, História trágico-marítima, um aquário de anémonas e **os mais lindos búzios e conchas da minha já vasta colecção** (cerca de 100 búzios diversos). Como complemento do altar, **o órgão de búzios**, em que toco frases musicais, de coral, completas, e para que componho música. O órgão foi afinado pelo Francisco de Lacerda, há um ano. Assim brinca este velho menino solitário, que se basta misticamente a si próprio. […]

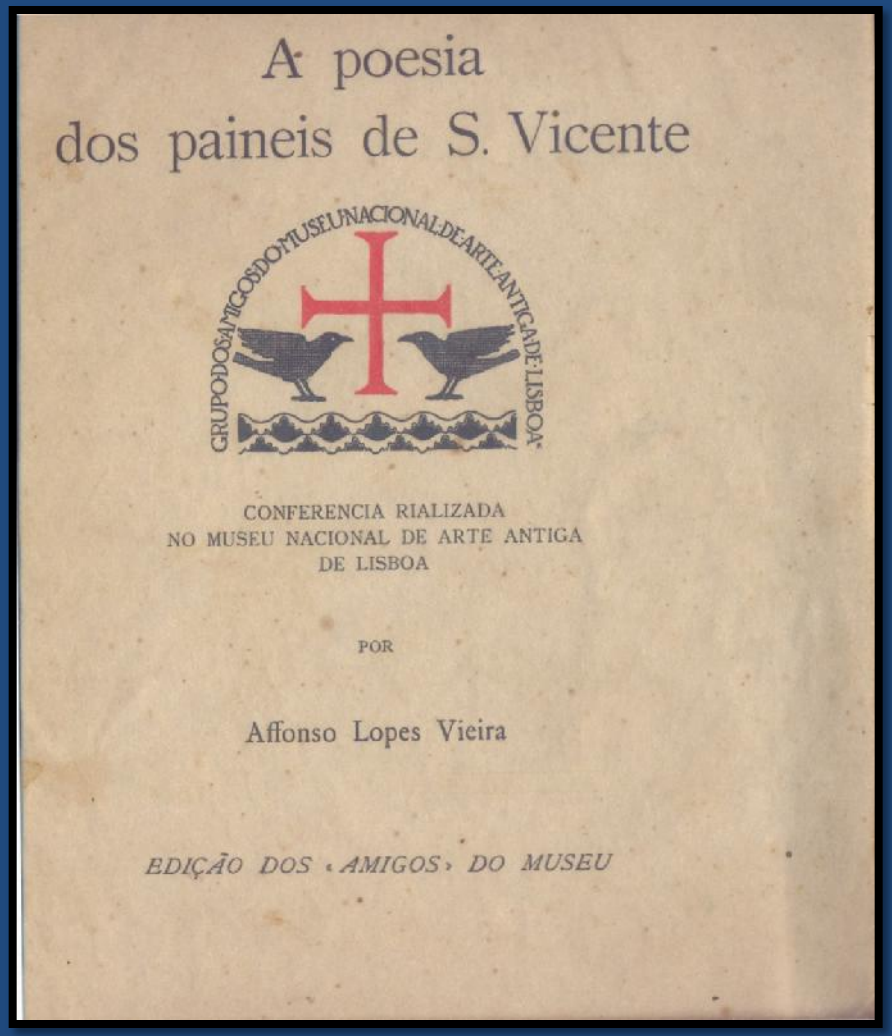
Excerto de Carta a Leonor Rosa, de 25 de julho 1925, esp. BMLALV, A115, nº. 33549.

Da importância atribuída a esta peça faz prova a fotografia que acompanha a entrevista concedida em **1931** à revista *Cinéfilo* (Nobre 2011: 204-208), em que o poeta se encontra no exterior, no terraço, sentado frente a este **órgão**, com um búzio na mão e uma pauta colocada no móvel.



GRAVURA (CMALV 123-124, 126, 127/1/2/3, 128/1/2/3, 129-134, 172-173)

Painéis de S. Vicente de Fora (CMALV 127/128)



A poesia
dos paineis de S. Vicente

GRUPO DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA DE LISBOA

CONFERENCIA RIALIZADA
NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA
DE LISBOA

POR

Affonso Lopes Vieira

EDIÇÃO DOS «AMIGOS» DO MUSEU

Em 26 de dez. de **1914**, faz a conferência ***A Poesia dos Painéis de São Vicente***, onde se associa à recente descoberta de Nuno Gonçalves, pintor português de quinhentos, o que viria colmatar um hiato na arte portuguesa e dar continuidade artística à nossa história.

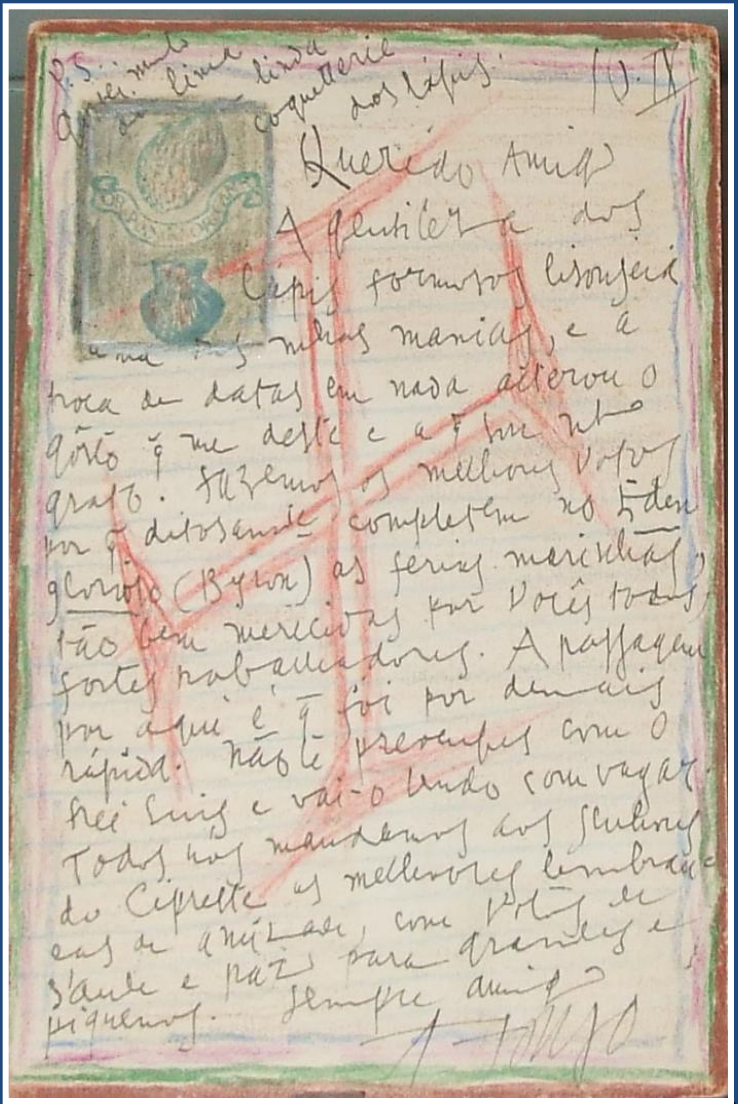
Associa-se a **José de Figueiredo**, e considera esta "causa artística" mais um dos seus trunfos na batalha de **arte nacionalista** em que se empenhou.

NOTA: Ref. em *Ilhas de Bruma*, de 1917, a uma obra "em preparação",
Auto dos Painéis de S. Vicente

ESPÓLIO DOCUMENTAL (CMALV 125, 135-171,193)

1 postal p/ Vasco Pimentel

(CMALV 153)



Um número considerável de horas do dia de Afonso Lopes Vieira era dedicado à correspondência, uma actividade obrigatória e prazenteira, dada a sua larga vivência social e as profundas amizades alimentadas. O mobiliário e os utensílios, de que se rodeou, confirmam essa dedicação que deu frutos tão largos, embora ainda pouco divulgados (*vide* Nobre 2001, 2003, 2005II, 2008).

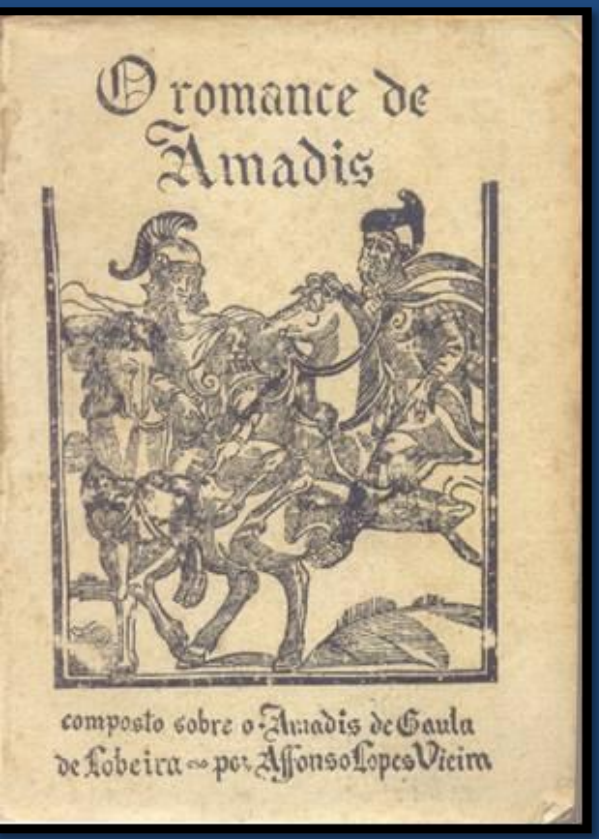
As doações de Carlos Vieira à CMALV provam-no.

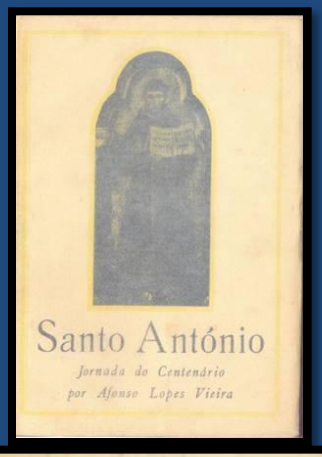
Vasco Pimentel terá compreendido os **cuidados estéticos de Lopes Vieira com a escrita**, tendo-lhe ofertado um conjunto de **lápis de cor**, gesto a que o poeta ficou grato, como deixou explícito no postal de setembro de **1942**:

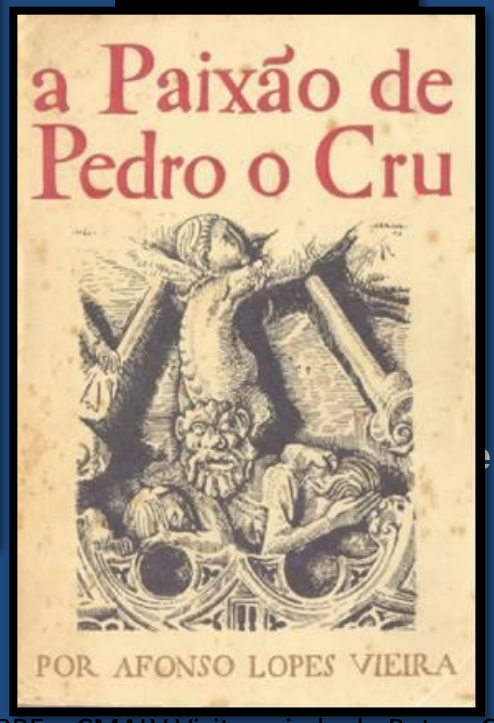
Querido Amigo
A gentileza dos lápis formosos lisonjeia uma das mhas manias, e a troca de datas em nada alterou o gosto q. me deste e a q. sou mtº grato. Fazemos os melhores votos por q. ditosamente completem no *Éden glorioso* (Byron) as férias marinhas, tão bem merecidas por vocês todos, fortes trabalhadores. A passagem por aqui é q. foi por demais rápida. Não te preocupes com o Frei Luis e vai-o lendo com vagar. Todos nós mandamos aos Senhores do Cipreste as melhores lembranças de amizade, com votos de saúde e paz para grandes e piquenos.
Sempre amigo / Afonso

ESPÓLIO DOC. LIVROS (CMALV 235-611)

Na cela quixotesca – *Biblioteca de S. Pedro / Casa de S. Pedro…*

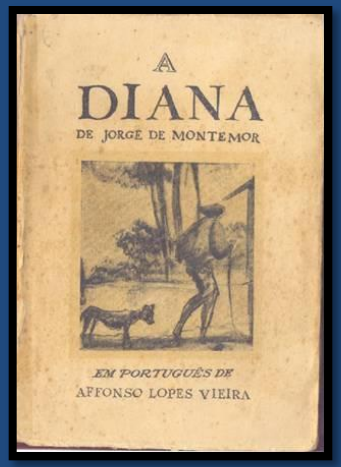


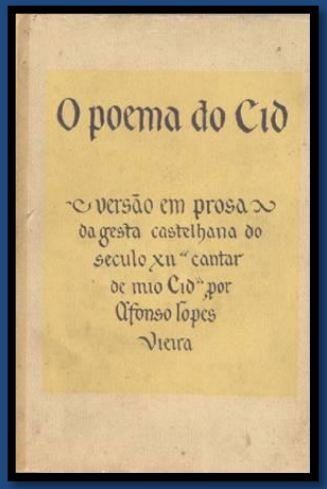




… com Amadis (CMALV 264 e 508)

… com *Diana* (CMALV 279)
e *O Poema do Cid* (CMALV 287)





… com *Santo António* (CMALV 294)
e a rev. *Lusitânia* (CMALV 502/1, 502/2, 470-474)

… com *A Paixão de Pedro o Crú* (CMALV 276)

… com os livros dos amigos

FOTOGRAFIA (CMALV 177-217, 224)

Fotografias de Afonso L. Vieira e de Helena de Aboim (CMALV 180-181)

A publicação, em 1909, do artigo para a *Illustração Portuguesa*, intitulado **Photographia Moderna**, onde dava conta do seu interesse, educado durante 15 anos, sobre a arte fotográfica, artigo que era acompanhado de *clichés* inéditos, é reveladora deste interesse e transforma-o num dos primeiros pioneiros da fotografia como forma de arte no nosso país.

Procurava salvaguardar a memória de momentos de vida que se transformaram em arte, como acontece com as duas fotografias – uma sua, outra da mulher, Helena – preservados como retratos artísticos, retiradas no espaço recriado da varanda. E, se a autoria da fotografia de Helena de Aboim se deve atribuir a Lopes Vieira, talvez seja possível que o poeta tenha querido obter da esposa um olhar fotográfico sobre si próprio, tendo-a instruído para o fotografar.

CERÂMICA DE EQUIPAMENTO

Lisboa 14 Fevereiro 1911
Meu caro Afonso Lopes Vieira

(CMALV 949-958):

Aí lhe mando esses insignificantes exemplares da minha faiança popular das Caldas; um paliteiro, um cinzeiro, um centro de conchas Vieira e o tal meu São Francisco que eu fiz em tempos para servir de reclame aos vinhos do Porto Menéres, e de que lhe falei. Como a forma já gasta, já deve estar muito alterada a modelação primitiva.

Não olhe V. para a escultura que não presta para nada. Mando-lho apenas como curiosidade e as outras coisas baratas e para V. mandar para sua casa de São Pedro de Muel.
Desculpe a insignificância. Depois lhe mandarei outras coisas.
Abraça-o o seu admirador sincero e amigo mtº grato,

MGustavo Bordalo Pinheiro

S/C R. do Mundo, 33, 3º

BMALV, *Cartas e outros escriptos […]*, vol. V, n.º 14.

Quer o **centro de conchas (CMALV 956**), quer o **sapo (CMALV 957)**, que não possuem marcas efetivas da cerâmica a que pertencem, serão alguns dos exemplares referidos na carta, provavelmente até, neste momento, um *unicum*, pois não se conhecem outros centros semelhantes. A data de 1911 tem relação com a obra poética para crianças *Animais Nossos Amigos*, onde o sapo é um dos protagonistas.

A escolha do *ex-libris* podia já estar a ser delineada nesta época, ou a oferta de Bordalo ter sugerido ao poeta a sua pertinência, como aqueles que prezava já observavam sobre o lar frequentado, associando-lhe elementos de malacologia.
A localização destas peças decorativas na varanda diz-nos algo sobre o papel social e educativo que lhes era reservado.

ESCULTURA (CMALV 225-234)
2 edículas da "rosácea falante" (CMALV 229)

As edículas de mestre Joaquim Correia terão sido a súmula de grande parte destes sonhos criativos e permitem-nos compreender a ligação afetiva que nutria por esta peça.

De um esquecido e inaugural romance ***Pedro Cru***, dado em esboço para uma figuração dramática na antologia poética de 1904 [PE: 37-43], passando pelo projecto de ***O Romance de Pedro e Inês***, enunciado em *Ilhas de Bruma, de 1917,* em preparação, até ao livro ***A Paixão de Pedro o Cru***, com uma 1.ª ed. em 1940, e 1944, quando acompanha o mestre ferreiro Lourenço Chaves de Almeida, com a tese sobre a nacionalidade do autor dos túmulos de Alcobaça, passam mais de **20 anos** em que o tema obceca Lopes Vieira, chegando a metamorfosear-se em guião para o cinema de índole nacionalista, com o **filme *Inês de Castro***, de 1945, de Leitão de Barros.

Busto de Afonso Lopes Vieira

(CMALV 225)

Realizado de memória pelo **mestre Joaquim Correia**, após o falecimento do escritor, e do qual Helena de Aboim se agradou tanto, tendo impedido mestre Correia de fazer o bronze e conservado a maqueta em gesso, transformando este exemplar **único** na obra do escultor fora dos registos dos seus catálogos.

MEDALHÍSTICA (CMALV 948)

INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS (CMALV 960-961)

METAIS (CMALV 963-967 e 983)

EQUIPAMENTOS E UTENSÍLIOS (CMALV 968 e 970-994)

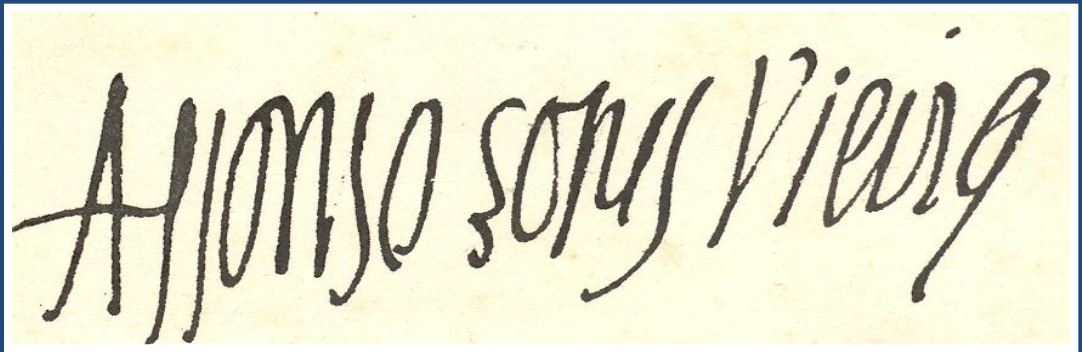
VIDROS (CMALV 987-989)

TRAJE (CMALV 991-992)

BRINQUEDOS (CMALV 997)

ESPÓLIO DE MALACOLOGIA (CMALV 999-1144, 1315-1316 e 122/2-122/19)

OR·PIANGO·OR·CANTO


Afonso Lopes Vieira